

Passos deixa Sócrates sob pressão máxima e prepara-se para eleições

Resta uma nesga para o OE passar. O líder do PSD já informou Cavaco e tem dúvidas que valha a pena segurar mais o Governo

Passos Coelho duvida que valha a pena continuar a segurar Sócrates, está convicto de que o regabofe se instalou nas contas públicas e que o pacote de austeridade do Governo além de não chegar vai deixar o país pior, e só não apresenta uma moção de censura ao Executivo porque a proximidade das presidenciais adia a possibilidade de eleições.

O líder do PSD rejeita, por isso, as pressões dos que, dentro e fora do partido, o querem empurrar para viabilizar o OE a todo o custo e está absolutamente determinado a não o fazer, a menos que Sócrates ceda a algumas das suas pretensões. Coisa que o próprio acha difícil.

Os últimos episódios do folhetim "passa, não passa" estão, de facto, longe de augurar um final feliz. Pressionados a entender-se, por Cavaco (que está informado do que o PSD pode fazer), pelos mercados, e por Bruxelas (os telefonemas de alerta já começaram a chegar, à sede do PSD, mas também a S. Bento), Passos e Sócrates estão com uma dificuldade adicional — encontram-se praticamente de relações cortadas — e a última troca de palavras entre o ministro das Finanças e o nº2 do PSD continuou sem apontar uma saída.

Miguel Relvas explicou ontem que o PSD até poderia aceitar o aumento do IVA se o Governo baixasse a Taxa Social Única para ajudar a evitar parte dos esperados efeitos recessivos na economia. Mas Teixeira dos Santos — que em entrevista ao Expresso mostra disponibilidade do Governo para negociar, embora não veja bem como —, deixou claro ontem no final do Conselho de Ministros que o Executivo não pode prescindir de receitas fiscais. "Essa proposta, nas atuais condições orçamentais, não ajuda a resolver o problema do défice, já que não se pode abdicar da receita". E não poupou a oposição: "O Governo não quer aumentar o IVA por qualquer capricho, ou para pôr o PSD mal disposto, mas para termos receita necessária no sentido do objetivo orçamental".

Passos Coelho vai explicar qual seria a sua fórmula alternativa — mais estrutural na recomposição da despesa e do papel do Estado e menos penalizadora no que toca a impostos —, mas não tenciona apresentar propostas concretas para serem negociadas na discussão do OE no Parlamento. E este é mais um sinal de que a abertura negocial é mais retórica do que real, e a menos que o Governo deixe de exigir um "sim" incondicional.

Teimosia de quem propõe

Pinto Balsemão deu esta semana um contributo para inverter a retórica instalada sobre a viabilização do Orçamento, ao lembrar que o OE "não deve resultar da teimosia de quem o propõe". E Cavaco acrescentaria que espera que o Governo aceite "melhorias" dos vários partidos durante a discussão na AR.



Passos em São Bento? Com Sócrates o filme dificilmente se repetirá

FOTO ALBERTO FRIAS

Bruxelas inquieta com sinais do OE

Comissão Europeia está hoje menos convencida da aprovação do Orçamento do que quando o Governo apresentou o pacote

A Comissão Europeia não esconde a sua apreensão perante a falta de clareza que rodeia a viabilização do OE de 2011 e, com ele, das medidas de austeridade consideradas inevitáveis para que Portugal recorra à ajuda internacional. E Bruxelas atira o seu peso para o lado dos que pedem ao PSD que clarifique a sua posição. "É importante que o orçamento seja consolidado o mais depressa possível, para que haja clareza quanto aos objetivos a atingir e ao compromisso de os concretizar", afirmou ao Expresso uma fonte comunitária, que não esconde a perplexidade que se começa a instalar: "a cada dia que passa, perguntamo-nos quando é que o OE será finalmente aprovado".

Uma perplexidade que se compreende melhor à luz das

garantias dadas pelo próprio Governo. Ao que o Expresso apurou, na reunião do dia 30 de setembro, em Bruxelas, onde se encontrou com os demais parceiros europeus e com os responsáveis da Comissão Europeia e do Banco Central Europeu (BCE), Teixeira dos Santos não se limitou a apresentar o pacote de medidas que anunciaria na véspera, ao lado de José Sócrates. O ministro das Finanças transmitiu aos participantes no encontro a "confiança" do Governo na viabilização do Orçamento por parte do PSD. Segundo uma fonte que acompanhou a reunião, Teixeira dos Santos expressou a convicção do executivo português de que o PSD "atuará de forma responsável, tal como fez no passado".

No entanto, a Comissão Europeia está longe de partilhar esse otimismo: "a informação que chegava antes da reunião e que continuamos a receber é noutro sentido", disse ao Ex-

presso a referida fonte, que também assistiu ao desenrolar do último encontro dos ministros das Finanças da zona euro na capital belga.

De acordo com esta fonte, Bruxelas, que ficou a conhecer as novas medidas de austeridade no próprio dia da reunião do eurogrupo, estava convencida de que as mesmas haviam sido objeto de um "mínimo de diálogo" prévio com o PSD, capaz de garantir a sua aprovação "rápida". "Seria o lógico", diz a mesma fonte, que acrescenta: "até agora não vimos nenhuma declaração da oposição que permita pensar que isto vai avançar".

Neste momento, para a Comissão, "a bola está do lado da oposição", embora no seio do executivo comunitário também haja consciência de que José Sócrates "joga com essa percepção e com o timing", para que também "a pressão europeia" incida sobre o PSD.

DANIEL DO ROSÁRIO
correspondente em Bruxelas

Manuela Ferreira Leite apontou um caminho diferente: Passos devia antecipar-se e dizer já que se abstém e deixar passar o OE, porque se o fizer depois de conhecer o documento arrisca-se a ficar colado a soluções que não quer. Opinião partilhada por Alexandre Relvas, Marcelo Rebelo de Sousa ou Marques Mendes (e Paulo Rangel também veio defender a urgência da aprovação do OE). Mas na reunião da bancada em que a anterior líder falou, poucos foram os que se pronunciaram. Há deputados a defenderem as duas teses, viabilizar ou chumbar, mas nesta fase ninguém parece querer afrontar o líder (quem sabe se a pensar na formação de listas em caso de crise).

Do lado do "chumbo" estão os principais dirigentes do PSD — com Marco António, vice de Passos, à cabeça — que são maioritariamente defensores de uma linha dura que não vergue a Sócrates e não tema eleições. Aos que agitam o papão da máquina do PS, a direção social-democrata responde que seria extraordinário alguém acreditar que se houver crise a culpa é do PSD, sobretudo quando os que aplaudem o pacote de austeridade são os mesmos que dizem que ele não chega e que não resolve nada de estrutural.

A convicção na sede do PSD é que Sócrates não ganha mais nenhuma eleição. Escaldado pela negociação de maio com Sócrates, em que considera ter sido "enganado", o líder do PSD não quer repetir o número. E endurece posições para que fique claro que, mesmo que o OE passe, a sua solução seria outra. Terá, entretanto, obrigado o Governo a ceder.

Tudo, até à última

O Governo garante que fará tudo "até à última" para que o Orçamento do Estado para 2011 seja aprovado. "Não há alternativa para o país" é a convicção dominante no Executivo, sublinhando que "ninguém quer acreditar que não seja aprovado". A bola, porém, é colocada do lado do PSD. Para descer os impostos, como exige Passos, é preciso saber onde cortar na despesa. "Se mostrarem onde, tudo bem!", diz fonte governamental ao Expresso.

No PS, o debate sobre cortes na despesa esteve para acontecer na última reunião do grupo parlamentar, por iniciativa dos deputados Marcos Sá e Ricardo Gonçalves. Mas a direção do grupo atalhou a discussão remetendo para o Governo a responsabilidade de se adiantar nesse capítulo. Teixeira dos Santos e José Sócrates vão na próxima semana antecipar a proposta final do OE aos deputados e, no fim de semana seguinte, estão previstos plenários federativos por todo o país sobre o tema.

Há socialistas, como Renato Sampaio — o líder do PS/Porto e convicto sócrático —, que elevam o tom — "o PS não pode estar à mercê de maiorias de bloqueio. Nesse caso é melhor que o povo se pronuncie e haja eleições", disse Sampaio ao "i". Mas no Governo a prioridade, por enquanto, continua a ser tentar aprovar o Orçamento: "Não queremos acreditar que seja possível ir para eleições nesta fase".

ÂNGELA SILVA e CRISTINA FIGUEIREDO
avsilva@expresso.imprensa.pt



...mas Bruxelas inquieta-se com hipótese de chumbo

➔ PSD aumenta pressão e continua a dar sinais de que vai votar contra Orçamento do Estado p.6